

# As principais contribuições da abordagem construcional da mudança no contexto da linguística funcional centrada no uso: evidências a partir de um estudo de caso

**Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda<sup>1</sup>**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**RESUMO:** Com base na apresentação de um estudo de caso, este trabalho tem como objetivo fundamental tratar das principais contribuições da abordagem construcional da mudança – nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesse sentido, a partir da proposição de uma rede construcional para *SÓ QUE [X]* na língua portuguesa, será demonstrada de que maneira a proposta dos autores, principalmente em relação às propriedades da esquematicidade e da produtividade, pode trazer importantes contribuições para um tratamento mais sistemático e integrado de processos de mudança gramatical.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Funcional Centrada no Uso. Abordagem construcional da mudança. Construcionalização gramatical.

## 1. Introdução

A abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), assume que a língua – tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico – é constituída por redes taxonômicas de construções, as quais se organizam de modo hierárquico. Fun-

---

<sup>1</sup>Licenciada em Letras: português/latim (UFJF), doutora em Linguística (UFMG) e pós-doutora em Linguística (UFMG). Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPG-Linguística/UFJF). E-mail: patriciafabianecunha@gmail.com.

damentando-se na proposta da *Radical Construction Grammar* (CROFT, 2001, 2005, 2013), os autores consideram que nenhuma construção é instanciada de modo isolado, visto que a língua seria constituída por redes construcionais hierarquicamente organizadas, em que cada construção representa um nó em particular. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo fundamental tratar das principais contribuições da abordagem construcional da mudança a partir da apresentação de um estudo de caso.

Com base em resultados de pesquisa realizada no âmbito do projeto “Abordagem construcional da mudança: emergência de novos padrões construcionais no português brasileiro”, coordenado por mim na Universidade Federal de Juiz de Fora, discutirei de que maneira a proposta dos autores, principalmente em relação às propriedades da esquematicidade e da produtividade, pode trazer importantes contribuições para um tratamento mais sistemático e integrado de processos de mudança gramatical. Nesse caso, especificamente, será apresentado um estudo de caso, representado pela rede construcional de *SÓ QUE [X]* na língua portuguesa (CUNHA LACERDA, 2016a, 2017), a partir da perspectiva da construcionalização gramatical. Como será demonstrado, a abordagem construcional da mudança permite que padrões construcionais diversos sejam observados de maneira integrada a partir de sua instanciação e emergência em extensas redes construcionais na língua.

Nesse sentido, o esquema representado por *SÓ QUE [X]* é altamente genérico e abstrato, permitindo que, com passar do tempo e com as necessidades comunicativas que se instanciam a partir da interação, ocorra a emergência de diversas construções individuais na língua, as quais se diferenciam por sua forma e por sua função.

Embora Longhin-Thomazi (2003a, 2003b, 2003c, 2004a, 2004b) analise o processo de gramaticalização que origina “só que” – que, segundo ela, constitui uma conjunção de natureza coordenativa que estabelece, como significado básico, cancelamento de pressuposição pragmática –, não há ainda um estudo sistemático que vise a tratar desse objeto de análise a partir da abordagem construcional da mudança, a qual ainda é bastante recente. Além disso, é necessário descrever construções recentes com “só que”, como, por exemplo, “só que não”, “só que nunca”, “só que sim” e “só que jamais”, as quais não foram descritas pela autora.

Desse modo, este trabalho busca, a) em um primeiro momento, contextualizar, de modo breve, a abordagem construcional da mudança no contexto do Funcionalismo e, mais especificamente, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso; b) em um segundo momento, discutir algumas das principais proposições de Traugott e Trousdale (2013), principalmente, no que se refere ao princípio de que a língua – tanto em relação à gramática quanto ao léxico – é constituída por redes taxonômicas de construções, as quais se organizam de modo hierárquico; e c) por fim, demonstrar, por meio de um estudo de caso repre-

sentado por *SÓ QUE [X]* na língua portuguesa, de que maneira a proposta de Traugott e Trousdale (2013) – principalmente, em relação às propriedades da esquematicidade e da produtividade – pode trazer importantes contribuições para um tratamento mais sistemático e integrado de processos de mudança gramatical.

## 2. A abordagem construcional da mudança no contexto da linguística funcional centrada no uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso compreende a denominação adotada, mais recentemente, para se referir às pesquisas funcionalistas que coadunam princípios formulados no âmbito do funcionalismo de vertente norte-americana e da Gramática de Construções (BYBEE, 2010; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016).

Para a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – (ou versão contemporânea do funcionalismo), há uma relação estrita e indissociável entre os aspectos formais e os aspectos funcionais de uma construção.

Enquanto no funcionalismo clássico – que, nos termos de Rosário e Oliveira (2016), compreende os estudos pioneiros da vertente norte-americana – assume-se a correlação função > forma, na Linguística Funcional Centrada no Uso, assume-se a bidirecionalidade *função < > forma*. Nesse sentido, forma e função assumem igual estatuto e igual importância (OLIVEIRA; ARENA, 2016).

A publicação da obra *Constructionalization and Constructional Changes*, por Traugott e Trousdale, em 2013, no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso, traz importantes contribuições para o tratamento sistemático de processos de mudança linguística tanto na gramática como no léxico.

Ao proporem um modelo teórico para a compreensão da mudança, Traugott e Trousdale (2013) assumem a centralidade da noção de rede construcional e defendem que a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se a partir de redes taxonômicas de construções, as quais seriam hierarquicamente constituídas e organizadas.

O termo construção, como assumido por Traugott e Trousdale (2013), advém da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT; CRUSE, 2004; dentre outros), a qual se desenvolveu no âmbito da Linguística Cognitiva. Nesse sentido, com base na definição apresentada por Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013) consideram que as construções, a partir do pareamento entre forma e significado, se estabelecem na língua como unidades simbólicas e convencionais. Vale ressaltar que, recentemente, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, tem se assumido que o pareamento

ocorreria entre forma e função (GOLDBERG, 2016), uma vez que a noção de função é mais abrangente e atende ao princípio básico funcionalista de que há uma relação estrita entre a forma e a sua função.

Além disso, fundamentando-se na proposta da *Radical Construction Grammar* (CROFT, 2001), os autores partem do princípio de que nenhuma construção é instanciada de modo isolado, uma vez que a língua seria constituída por redes construcionais hierarquicamente organizadas, em que cada construção representa um nó específico.

A partir das proposições realizadas por Traugott e Trousdale (2013), em sua obra, identificamos três questões abordadas pelos autores que, a nosso ver, constituem sua contribuição em relação a alguns dos pressupostos assumidos pela Gramática de Construções. São elas (FURTADO DA CUNHA; CUNHA LACERDA, no prelo): i) a proposição de um modelo voltado exclusivamente para o tratamento da mudança linguística a partir da compreensão de que as construções que emergem na língua são organizadas em redes taxonômicas hierarquicamente constituídas e organizadas; ii) a proposição de um modelo que compreende a mudança linguística a partir de duas diferentes dimensões, as quais os autores intitulam de mudança construcional e construcionalização; e iii) a proposição de um modelo que visa a dar conta, de maneira sistemática, da mudança que ocorre tanto na gramática quanto no léxico.

No caso específico da diferenciação entre mudança construcional e construcionalização, Traugott e Trousdale (2013) assumem que, enquanto a construcionalização envolve a emergência de novas construções na língua a partir do pareamento entre forma e significado, a mudança construcional está relacionada à dimensão interna da construção, uma vez que são afetados os subcomponentes de uma construção já existente, sejam eles relacionados à forma (subcomponentes de natureza fonética, morfológica e sintática) ou ao significado (subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva).

As mudanças construcionais que precedem e que possibilitam a construcionalização envolvem, tipicamente, expansão pragmática, semanticização do componente pragmático, mismatch (desencontro) entre forma e significado e algumas pequenas mudanças distribucionais. Essas mudanças construcionais são denominadas, por Traugott e Trousdale (2013), de pré-construcionalização (PreCxzn CC). Por outro lado, a construcionalização pode ser seguida por mudanças construcionais, o que configuraria a pós-construcionalização (PostCxzn CC). Nesse caso, a pós-construcionalização envolveria, tipicamente, a expansão de colocações e também a ocorrência de redução morfológica e/ou fonológica.

Como afirmam Traugott e Trousdale (2013), a distinção entre construcionalização e mudança construcional “não tem sido realizada em outros trabalhos sobre mudança baseados na perspectiva construcional [...] ou, caso tenha sido realizada, essa distinção é apresentada

de modo diferente” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 20). Reconhecemos, portanto, que os autores trazem, de fato, uma grande contribuição em relação às proposições já realizadas no âmbito da Gramática de Construções ao buscarmos, do ponto de vista teórico, a formulação de um modelo que dê conta da mudança linguística a partir de duas dimensões distintas.

A partir da diferenciação entre construcionalização e mudança construcional, podemos, então, observar que, de fato, os autores assumem como fundamental uma compreensão mais detida, fundamentada e abrangente do processo de mudança, visto que buscam dar conta, de maneira bastante rigorosa, dos processos que concorreriam – em um sentido mais estrito – para a emergência de novos padrões construcionais e de esquemas abstratos a que estariam vinculadas as novas construções instanciadas na língua.

### 3. A língua como rede taxonômica de construções

Traugott e Trousdale (2013), ao defenderem que as construções da língua se organizam, de modo hierárquico, em redes taxonômicas, operam com a distinção entre quatro níveis de esquematicidade, a saber: construto, microconstrução, subesquema e esquema.

Os construtos compreendem as ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como sendo o *locus* da mudança. Desse modo, estão relacionados ao número de ocorrências de determinada construção. Por sua vez, as microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que se realizam a partir de um pareamento entre forma e função e já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Já os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre microconstruções diversas. Por fim, os esquemas possuem uma natureza altamente abstrata e esquemática, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento (*slots*).

Com a intenção de sistematizar um modelo que dê conta do tratamento da mudança linguística a partir da noção de rede construcional, Traugott e Trousdale (2013) assumem a co-ocorrência das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, as quais estariam envolvidas em vários estágios do processo de mudança.

A propriedade da composicionalidade refere-se ao nível de transparência da ligação entre forma e significado. Essa propriedade pode ser exemplificada por meio dos exemplos a seguir: enquanto construções como *passar a bola* e *chutar o balde* apresentariam um maior grau de decomponibilidade e um sentido referencial, construções como *dar zebra*, *pintar o sete* e *pregar os olhos* revelariam menor grau de decomponibilidade e maior grau de idiomatidade na língua.

Já a esquematicidade constitui, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 13), “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração”. Nesse sentido, a noção de esquematicidade está, segundo os autores, intrinsecamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças linguísticas seriam interligadas e as construções da língua estariam relacionadas a partir do estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas.

E, justamente a fim de sistematizar a propriedade da esquematicidade em termos mais práticos, os autores operam com a distinção entre os quatro níveis de abstração – construto, microconstrução, subesquema e esquema – a partir do quais se estabeleceriam as redes construcionais na língua. Portanto, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), a língua é organizada como um inventário de unidades simbólicas e complexas, ou seja, como uma rede de relações entre construções. E, nesse caso, a esquematicidade está relacionada à extensão em que padrões mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas.

Por sua vez, a produtividade de uma construção está indiscutivelmente relacionada, como destacam os autores, à noção de frequência, a qual compreende, nos termos de Bybee (2003, 2011), a frequência *token* e a frequência *type*. Enquanto a frequência *token* está relacionada à extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes, a frequência *type* está relacionada ao fenômeno que Himmelmann (2004) intitula de *host-class expansion*, uma vez que as construções, ao possuírem natureza relacional e (relativamente) esquemática, podem, ao longo do tempo, ser empregadas em diferentes colocações.

Conforme discutido em Cunha Lacerda (2016b), no caso específico das propriedades da esquematicidade e da produtividade, o levantamento da frequência de uso poderia, nesse sentido, contribuir para dimensionar a extensão de cada um dos níveis esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – construto, microconstrução, subesquema e esquema.

Nesse caso, de acordo com Cunha Lacerda (2016b, p. 88-89),

[...] caberia, principalmente, a uma análise qualitativa de dados as seguintes funções: a) caracterizar o pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e b) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua. Já o levantamento da frequência de uso, que compreende uma análise de natureza quantitativa, se tornaria fundamental se, por exemplo, nosso objetivo for: d) comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; e) compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto

mais esquemático (com maior número de *slots*<sup>2</sup>) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e f) verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua.

Como se pode observar por meio da discussão empreendida nesta seção e na seção anterior, Traugott e Trousdale (2013) trazem contribuições sistemáticas para o tratamento da mudança, uma vez que, no âmbito da Gramática de Construções, propõem um modelo que visa a dar conta da mudança linguística a partir de categorias bastante definidas e refinadas. A proposição da diferenciação de suas dimensões da mudança – construcionalização e mudança construcional – e a consideração de que há três propriedades – esquematicidade, composicionalidade e produtividade – a partir das quais as novas construções são instanciadas na língua e organizadas em redes construcionais, de fato, a nosso ver, constituem uma grande contribuição da abordagem construcional da mudança.

#### 4. Evidências empíricas acerca da construcionalização gramatical: o caso de só que [x]

Considerando que “só que” envolve uma contraexpectativa – como definido por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) – e está relacionada a um cancelamento de pressuposição pragmática – como defendido por Longhin-Thomazi (2003a) –, pretendemos, nesta seção, cumprir os seguintes objetivos: (a) descrever as microconstruções com “só que” a partir do pareamento forma-função; b) analisar a construção [SÓ QUE X] com base em um contínuo de (inter)subjetivação; e c) identificar os níveis esquemáticos – esquema, subesquema, microconstrução e construto (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) – que estariam relacionados a SÓ QUE [X].

A fim de cumprir os objetivos propostos, baseamo-nos numa análise pancrônica de dados que considerou *corpora* compreendidos entre os séculos XIII e XXI. A análise realizada utilizou, nesse caso, o método misto, a partir do equacionamento entre a metodologia qualitativa e o levantamento da frequência de uso.

Os dados diacrônicos foram coletados no “CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval” e no corpus do projeto “Tycho Brahe”. E os dados sincrônicos foram coletados em revistas, *blogs* e redes sociais.

<sup>2</sup> De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade de uma construção está intrinsecamente relacionada com a extensão na qual recruta padrões mais gerais através de uma série de construções mais específicas. Nesse sentido, os esquemas são discutidos a partir da noção de slot: um esquema pode ser composto totalmente por slots ou pode ser parcialmente esquemático, possuindo, ao mesmo tempo, slots e elementos necessários e obrigatórios (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.16).

Para a análise da sincronia atual, operamos com um *corpus* constituído, no total, por 900.000 palavras e organizado a partir de três níveis de formalidade. O nível de formalidade 1 é representado por textos de revistas cuja linguagem é mais formal, como, por exemplo, as revistas “Veja”, “Isto é” e “Época”. Nesse sentido, consideramos que as revistas selecionadas, dentro do *continuum* de formalidade assumido, são mais formais, uma vez que se dedicam a tratar de temas de interesse nacional e internacional. Desse modo, são constituídas por notícias, reportagens e entrevistas sobre política, economia, educação, saúde, cultura, tecnologia e lazer. Já o nível de formalidade 2 é constituído por textos retirados de revistas da Editora Abril menos formais. Para a constituição do segundo nível de formalidade, selecionamos revistas que se comprometem com assuntos mais cotidianos, como, por exemplo, “Ana Maria”, “Caras” e “Cláudia”, das quais selecionamos notícias, reportagens e entrevistas a respeito de moda, decoração, culinária, relação entre pais e filhos, fofoca etc.. Por sua vez, o nível de formalidade 3 corresponde aos textos selecionados de *blogs* e de redes sociais. Podemos observar que, apesar de nesses ambientes circularem diferentes gêneros textuais, a escrita de tais textos caracteriza-se, no geral, por um grau maior de informalidade. O quadro abaixo ilustra a composição do *corpus* que representa a sincronia atual:

Modalidade Escrita	<b>Corpus</b>	Número de palavras analisadas
	Nível de formalidade 1 (revistas formais)	300.000
	Nível de formalidade 2 (revistas informais)	300.000
	Nível de formalidade 3 (blogs e redes sociais)	300.000
Total		900.000 palavras

**Quadro 1** - Constituição do *corpus* sincrônico

**Fonte:** Elaboração da autora

No que se refere ao *corpus* diacrônico, operamos, conforme já apontado, com o período compreendido entre os séculos XIII e XIX. E, nesse caso, trabalhamos com o total de 700.000 palavras, distribuídas em sete séculos, ou seja, analisamos 100.000 palavras por século. Os textos selecionados para a composição do *corpus* diacrônico – mais especi-

ficamente, textos ficcionais e documentos notariais – foram retirados do “CIPM” (*Corpus Informatizado do Português Medieval*)<sup>3</sup> e do projeto “Tycho Brahe”<sup>4</sup>.

O “CIPM” constitui um projeto de organização de *um corpus* do Português Medieval, estabelecido a partir da necessidade de se investigar, linguisticamente, o período mais antigo da língua portuguesa. Sendo assim, oferece um banco de dados que vai do século XII<sup>5</sup> ao século XVI. E, para representar o período entre os séculos XVII e XIX, foram utilizados textos do “*Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*”. Esse *corpus* foi desenvolvido no âmbito do projeto “Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística” e disponibiliza, eletronicamente, 53 textos em português, escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845.

O quadro abaixo ilustra a composição do *corpus* que representa a diacronia:

Século	Número de palavras analisadas
Século XIII	100.000
Século XIV	100.000
Século XV	100.000
Século XVI	100.000
Século XVII	100.000
Século XVIII	100.000
Século XIX	100.000
Total	700.000 palavras

**Quadro 2** - Constituição do *corpus* diacrônico

**Fonte:** Elaboração da autora

Após esta breve apresentação de questões de natureza metodológica, trataremos propriamente da análise da rede construcional de *SÓ QUE [X]* nos termos do que é defendido por Traugott e Trousdale (2013). Nesse sentido, apresentaremos, em linhas mais gerais, o esquema e os subesquemas que constituem a rede construcional proposta neste trabalho e, em um segundo momento, descreveremos, de maneira mais minuciosa e específica –

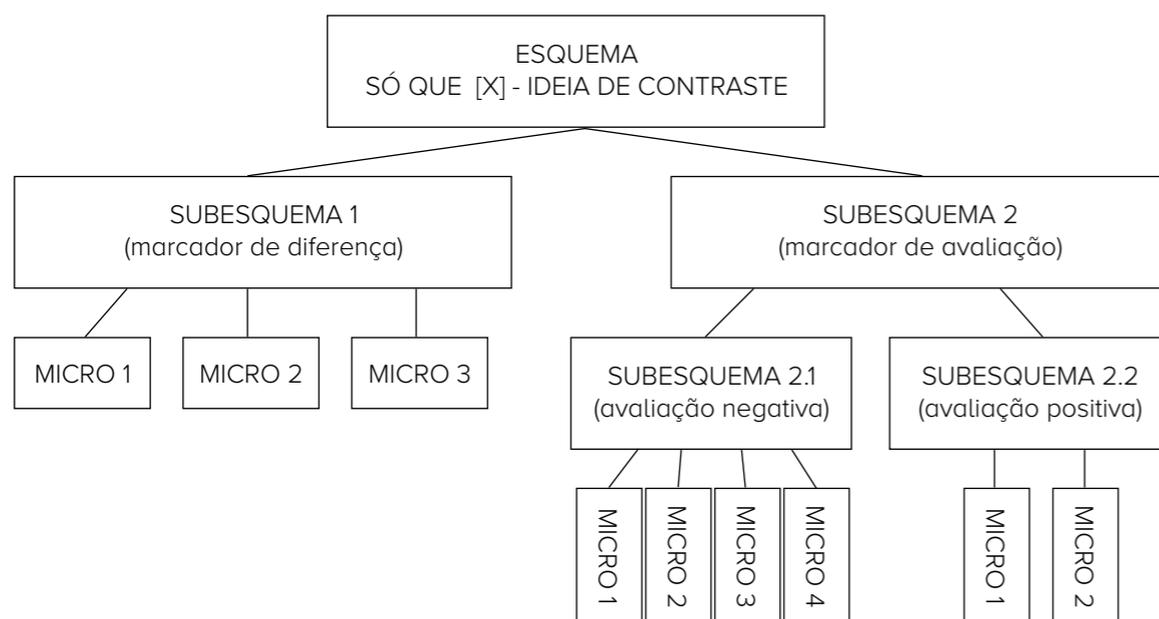
<sup>3</sup> Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso jan. 2016.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>. Acesso jan. 2016.

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, não foram considerados dados referentes ao século XII por serem pouco abrangentes, uma vez que o *corpus* referente a este século totaliza apenas 1.115 palavras.

por meio de ocorrências retiradas dos *corpora* analisados –, os pareamentos de forma e de função que caracterizam e que constituem o nível microconstrucional. Por fim, forneceremos algumas evidências de natureza quantitativa a partir do levantamento da frequência de uso dos padrões construcionais identificados.

A seguir, apresentamos uma figura que tem a função de ilustrar e de sistematizar de que maneira se organiza a rede construcional representada por SÓ QUE [X]. Como se pode perceber, trata-se de uma rede construcional bastante extensa na língua, a qual organiza, de maneira integrada, diversas construções individuais em que figura “só que”.



**Figura 1** - Representação da rede construcional proposta para SÓ QUE [X]

**Fonte:** Elaboração da autora

Conforme evidenciado a partir da análise realizada, há um esquema altamente abstrato e geral ao qual estão vinculados todos os níveis menos hierárquicos na rede construcional. Quanto à forma, esse esquema mais geral seria representado por SÓ QUE [X], em que **X** constituiria um slot com possibilidades diversas de preenchimento. Já quanto à função, o esquema teria como característica a expressão da ideia de contraste.

Em um nível menos hierárquico, identificamos dois subesquemas mais gerais, os quais intitulamos, neste trabalho, subesquema 1 e subesquema 2. Como veremos, o subesquema 2

é altamente produtivo, visto que a ele estão vinculadas seis microconstruções, que, devido às similaridades que apresentam entre si, estariam, ainda, vinculadas a outros dois níveis intermediários, os quais denominados subesquema 2.1 e subesquema 2.2.

A fim de organizar e de sistematizar melhor a apresentação da análise, trataremos, separadamente, de cada subesquema mais geral – subesquema 1 e subesquema 2 – com suas respectivas microconstruções.

O subesquema 1 apresenta, como função, a expressão de uma informação com natureza diferente da informação previamente expressa. Nesse caso, consideramos que este subesquema constitui um marcador de diferença e identificamos três microconstruções relacionadas a ele. São elas:

i) Microconstrução 1 do subesquema 1: quanto à forma, esta microconstrução é constituída por *só que* + elemento não-sentencial e, quanto à função, constitui um operador de focalização que destaca que a nova informação apresentada diverge da informação anterior. Vejamos a ocorrência a seguir:

(1) Vão lançar mais uma linha de lápis coloridos, **só que** com cores escuras. (Blog, 2014)

Como se pode observar na ocorrência (1), *só que* ocorre com elemento não-sentencial, uma vez que identificamos, à sua direita, a locução prepositiva “com cores escuras”. E, nesse caso, verifica-se que a construção em questão apresenta, de fato, como função a ideia de que a informação apresentada é divergente da anunciada anteriormente. No caso, o falante indica que a pressuposição inicial apresentada – de que as cores lançadas serão coloridas – deve ser reinterpretada, uma vez que, na verdade, se tratará do lançamento de cores escuras, e não de cores vivas e vibrantes, como se poderia pensar inicialmente.

ii) Microconstrução 2 do subesquema 1: quanto à forma, esta microconstrução é constituída por *só que* + elemento sentencial e, quanto à função, indica que a informação que foi previamente apresentada é inesperada. A ocorrência a seguir ilustra este padrão microconstrucional:

(2) O debate envolveu profissionais irresponsáveis que aceitam esse tipo de procedimento, **só que**, dessa vez, encontramos uma discussão muito mais interessante que foi apresentada pela Ju Romano. (Revista, 2016)

Na ocorrência acima, *só que* ocorre com elemento sentencial e expressa a ideia de que a informação apresentada não era esperada. Nesse caso, não se imaginava, por exemplo, que haveria uma discussão mais interessante do que a que teria sido apresentada por Ju Romano, visto que o debate em questão teria envolvido profissionais que o falante julga serem irresponsáveis.

ii) Microconstrução 3 do subesquema 1: quanto à forma, esta microconstrução é constituída

por *só que + não* + elemento sentencial e, quanto à função, indica que a informação que foi previamente apresentada deve ser refutada, apresentando, assim, as noções de contra-expectativa, nos termos de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), e de contra-argumentação. Vejamos uma ocorrência que representa o padrão microconstrucional em questão:

(3) Para as pessoas, eu deveria ser castigada. **Só que** eu não acho que as pessoas tenham alguma coisa a ver com uma decisão que é minha. (Blog, 2016)

Como claramente se pode observar, identificamos, na ocorrência acima, a ideia de que o falante está adotando claramente uma postura contra-argumentativa, em que busca romper com a expectativa previamente considerada a seu respeito. Desse modo, o falante indica que não concorda com o fato de as pessoas julgarem uma decisão que é sua. Vale ressaltar que a presença da partícula negativa *não* na instanciação da forma deste padrão microconstrucional está em consonância com o que afirmam Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) acerca da representação formal da noção de contraexpectativa, uma vez que os autores consideram que a presença de um elemento de natureza negativa é fundamental quando há a expressão de uma expectativa que é rompida ou frustrada.

Já no que se refere ao subesquema 2, verificamos que esse subesquema apresenta, como função, a expressão de uma avaliação. Nesse caso, a avaliação se estabelece em relação à informação previamente apresentada. Então, consideramos que esse subesquema constitui um marcador de avaliação. E, como demonstraremos a seguir, ele é composto por dois outros subesquemas que representam um nível esquemático menos geral. Nesse caso, nós identificamos um subesquema menos geral que expressa avaliação negativa – intitulado subesquema 2.1 – e um subesquema menos geral que expressa avaliação positiva – intitulado subesquema 2.2.

O subesquema 2.1 apresenta a forma *só que + X* <sup>elemento negativo</sup> e tem como função negar a informação previamente apresentada a partir de um caráter irônico. Já o subesquema 2.2 apresenta a forma *só que + X* <sup>elemento afirmativo</sup> e tem como função confirmar a informação previamente apresentada a partir de um caráter também irônico. Como veremos, ao subesquema 2.1, estão vinculadas quatro microconstruções e, ao subesquema 2.2, duas microconstruções. A seguir, apresentaremos cada um dos padrões microconstrucionais identificados.

(i) Microconstrução 1 do subesquema 2.1: apresenta, como forma, *só que + não* (nas redes sociais, pode ser indicada pelo *chunk #SQN*, que representaria um caso de mudança construcional). Já quanto à função, expressa uma avaliação negativa, com valor irônico, direcionada à informação previamente apresentada, como observado abaixo:

(4) Observem o bom posicionamento do goleiro. **#SQN** (Rede Social, 2016)

Como se pode verificar, o falante, por meio da construção *só que não*, representada pelo *chunk SQN*, apresenta claramente uma crítica em relação à atuação do goleiro ao qual ele está se referindo.

ii) Microconstrução 2 do subesquema 2.1: é representada pela forma *só que + nunca* e expressa uma avaliação negativa, com valor irônico, direcionada à informação prévia, sendo [+intersubjetiva] do que a microconstrução anterior. Vejamos uma ocorrência:

(5) Tá tudo dando certo **SÓ QUE NUNCA** (Rede Social, 2016)

Neste caso, vemos que, por meio de *só que nunca*, o falante direciona uma crítica negativa que é ainda mais expressiva e [+intersubjetiva] do que a microconstrução representada, na língua, por *só que não*.

iii) Microconstrução 3 do subesquema 2.1: é constituída pela forma *só que + never*, indicando uma alternância de códigos – neste caso, língua portuguesa e língua inglesa –, o que Labov (1971) intitula de code-switching. Quanto à função, expressa uma avaliação negativa, com valor irônico, direcionada à informação previamente apresentada, sendo [+intersubjetiva] do que a microconstrução anterior. A ocorrência a seguir ilustra o padrão em questão:

(6) A blogueira mais glamourosa sou eu, **só que never** (Blog, 2016)

Como se pode notar, o grau de intersubjetividade é crescente, uma vez que *só que + never* constitui um padrão microconstrucional [+intersubjetivo] do que os anteriores. Neste caso, percebe-se que a crítica negativa e o caráter irônico expressos pelo falante são mais expressivos e veementes.

iv) Microconstrução 4 do subesquema 2.1: esta microconstrução é representada por *só que + jamais* e, quanto à função, expressa uma avaliação negativa, com valor irônico, direcionada à informação previamente apresentada, sendo [+intersubjetiva] do que as microconstruções anteriores. Observemos um exemplo deste padrão:

(7) Hj tenho aula do meu professor mais amado **só que jamais** (Rede Social, 2016)

Neste caso, como se pode observar, o falante é mais expressivo ainda do que nos casos anteriores, uma vez que sua crítica e seu caráter irônico se fazem presentes por meio da expressão do advérbio *jamais*. Nesse sentido, o falante indica que não concorda, de maneira alguma, que o professor em questão seja o mais amado.

A seguir, apresentaremos as duas microconstruções que compõem o subesquema 2.2. Conforme mencionado acima, esse subesquema se caracteriza, do ponto de vista formal, por *só que + X* <sup>elemento afirmativo</sup> e tem como função confirmar a informação previamente apresentada a partir de um caráter também irônico.

(i) Microconstrução 1 do subesquema 2.2: quanto à forma, esta microconstrução é representada por *só que + sim* e, no que se refere à função, expressa uma avaliação, com valor irônico, direcionada a confirmar a informação previamente apresentada. Vejamos uma ocorrência de sua presença no corpus analisado:

(8) Cansada **só que sim** e muito. (Rede Social, 2016)

Como se pode notar, por meio de *só que + sim*, a falante visa a confirmar que realmente está cansada, o que é comprovado, inclusive, pelo advérbio de intensidade muito.

(ii) Microconstrução 2 do subesquema 2.2: esta microconstrução é representada por *só que + claro*, indicando que, em relação à função expressa, há um comprometimento muito maior do falante em relação à confirmação da informação previamente apresentada. Nesse sentido, este padrão microconstrucional é [+intersubjetivo] do que o anterior.

(9) Aquela atitude que se observa no dia a dia **só que claro** (Rede Social, 2016)

Como se pode observar, o falante expressa sua total concordância em relação à informação apresentada anteriormente por meio de *só que + claro*, já que a confirma ao dizer que, com certeza, se trata de uma atitude que é observada no dia-a-dia.

No que se refere à análise diacrônica realizada, conforme relatado, foram analisados dados compreendidos entre os séculos XIII e XIX. Apesar de termos nos baseado em um corpus diacrônico com um considerável número de palavras, encontramos apenas uma ocorrência de *só que* nos dados. E, nesse caso, a única ocorrência foi identificada no século XVIII. Esse resultado poderia indicar que o padrão SÓ QUE [X], expressando a ideia de contraste, seria muito recente na língua. Vejamos a ocorrência identificada no século XVIII:

(10) “Não tem feito coisa de consideração; ele saberá o seu natural; vive cá como lá vivia, pelo que apresentou; **só que** se constringeu porque aqui os portugueses são poucos”. (Século XVIII - COSTA, António da. *Cartas do Abade António da Costa*)

Como se pode observar, a ocorrência acima é representada, quanto à forma, por *só que + elemento sentencial* e, quanto à função, indica que a informação que foi previamente apresentada é inesperada, uma vez que o falante indica que o constrangimento ocorrido não era esperado por ele.

Após descrevermos os pareamentos entre forma e função que caracterizam os padrões microconstrucionais identificados, apontaremos algumas evidências obtidas a partir do levantamento da frequência de uso. Nesse caso, apresentaremos resultados referentes às microconstruções pertencentes a cada um dos subesquemas a que estão vinculadas.

Como pode ser verificado na tabela a seguir, no que se refere às microconstruções vinculadas ao subesquema 1, a microconstrução 2 é a mais produtiva, sendo representada por

94 ocorrências, o que corresponde a 57%. Em segundo lugar, a microconstrução 1 aparece com 29% de frequência, uma vez que foram identificadas 48 ocorrências. Já a microconstrução 3 apresentou 23 ocorrências – 14% dos dados. Vejamos esses resultados representados na tabela 1:

**Tabela 1** - Microconstruções do subesquema 1

	Número de ocorrências	%
Microconstrução 2 (a informação anterior é inesperada / <i>só que + elemento sentencial</i> )	94	57%
Microconstrução 1 (operador de focalização / <i>só que + elemento não-sentencial</i> )	48	29%
Microconstrução 3 (a informação anterior é refutada / <i>só que + elemento negativo + elemento sentencial</i> )	23	14%
Total	165	

**Fonte:** Elaboração da autora

Já em relação às microconstruções vinculadas ao subesquema 2.1, verifica-se que, do total de 71 ocorrências, 56 foram atestadas para a microconstrução *só que não*, o que representa 79% do total. Já as microconstruções *só que nunca*, *só que never* e *só que jamais* apresentaram, respectivamente, 04, 05 e 06 ocorrências, o que revela que elas seriam menos produtivas e muito mais recentes na língua. Observemos a tabela 2:

**Tabela 2** - Microconstruções do subesquema 2.1

	Número de ocorrências	%
<i>só que não</i>	56	79%
<i>só que jamais</i>	06	8%
<i>só que never</i>	05	7%
<i>só que nunca</i>	04	6%
Total	71	

**Fonte:** Elaboração da autora

Por sua vez, a tabela 3, referente às microconstruções *só que sim* e *só que claro*, vinculadas ao subesquema 2.2, revela que as duas microconstruções em questão são pouco

produtivas, o que indicaria sua instanciação recente na língua. Nesse caso, do total de 05 ocorrências, 04 foram identificadas para o padrão *só que sim* e apenas 01 para o padrão *só que claro*. Vejamos a tabela 3:

**Tabela 3** - Microconstruções do subesquema 2.2

	Número de ocorrências	%
<i>só que sim</i>	04	80%
<i>só que claro</i>	01	20%
Total	71	

**Fonte:** Elaboração da autora

Ao analisarmos comparativamente os resultados representados nas tabelas 1, 2 e 3, observamos que o subesquema 1 é o mais produtivo, visto que, como se pode notar, sanciona 165 ocorrências. Em segundo lugar, se encontra o subesquema 2.1, com o total de 71 ocorrências. E, em terceiro lugar, está o subesquema 2.2, com apenas 05 ocorrências. Esses resultados sinalizam que os padrões presentes no subesquema 1 são os mais produtivos, o que nos leva, conseqüentemente, a hipotetizar que sejam também os mais antigos na língua. Essa hipótese poderia ser respaldada pelo fato de a única ocorrência diacrônica identificada – datada do século XVIII – pertencer justamente a um padrão microconstrucional pertencente ao subesquema 1. Por outro lado, a baixa frequência dos padrões identificados tanto para o subesquema 2.1 como para o subesquema 2.2 indicaria que as microconstruções vinculadas a eles seriam mais recentes na língua, o que está em total consonância com o fato de todas essas microconstruções terem sido identificadas apenas em redes sociais, as quais integram o nível de formalidade 3 do *corpus* sincrônico analisado.

Outra evidência de sua recente emergência na língua seria o fato de Longhin-Thomazi (2003a, 2003b, 2003c, 2004a, 2004b) não ter tratado dos padrões *só que nunca*, *só que never*, *só que jamais*, *só que sim* e *só que claro* ao descrever e analisar o processo de gramaticalização que teria originado “só que”, uma vez que esse tipo de construção não teria sido identificada por ela na época de realização de sua pesquisa.

Nesse sentido, com base nos resultados quantitativos que acabamos de apresentar, podemos considerar que evidências empíricas relacionadas ao levantamento da frequência de uso podem contribuir, de fato, como afirma Cunha Lacerda (2016b), para a compreensão da extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais produtivo é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstru-

cionais sancionados. Desse modo, o levantamento da frequência de uso permite associar, de forma bastante clara, as propriedades de produtividade e de esquematicidade que são propostas por Traugott e Trousdale (2013).

## 5. Considerações finais

Este trabalho se propôs a discutir, a partir da apresentação de um estudo de caso, em que medida a abordagem construcional pode trazer importantes contribuições para o tratamento da mudança linguística. Com base nas proposições apresentadas por Traugott e Trousdale (2013), os quais assumem pressupostos basilares da Gramática de Construções, discutiu-se de que maneira a abordagem construcional da mudança, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, contribui substancialmente para que a língua seja pensada a partir do estabelecimento de extensas redes construcionais, nas quais as construções estariam organizadas e hierarquizadas taxonomicamente em níveis mais e menos abstratos.

A fim de fornecer evidências empíricas acerca do estabelecimento e da organização de uma rede construcional, tal como propõem Traugott e Trousdale (2013), foi apresentado um estudo de caso, representado pela proposição de uma rede construcional para *SÓ QUE [X]* na língua portuguesa. Conforme evidenciado, o esquema representado por *SÓ QUE [X]* é altamente genérico e abstrato, permitindo que novas microconstruções sejam instanciadas, com o passar do tempo, a partir das necessidades comunicativas dos falantes, que buscam, cada vez mais, ser expressivos e intersubjetivos. Nesse sentido, a partir da realização de uma análise pancrônica de dados, a qual equacionou as metodologias qualitativa e quantitativa, buscamos demonstrar que a proposta de Traugott e Trousdale (2013) – principalmente, em relação às propriedades da esquematicidade e da produtividade – pode trazer reconhecidas contribuições para um tratamento mais sistemático e integrado de processos de mudança gramatical.

## REFERÊNCIAS

- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. **Variação linguística, mudança linguística e construcionalização**. Trabalho apresentado durante o XXI Seminário Nacional e VIII XXI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (Eds.). **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension**. Amsterdam: Benjamins, 2005.
- \_\_\_\_\_. Radical construction grammar. In: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford handbook of construction grammar**. New York: OUP, 2013.
- \_\_\_\_\_.; CRUSE, A. D. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. **The development of [SÓ QUE X] in Portuguese language from the perspective of grammatical constructionalization**. Trabalho apresentado durante o 9th International Conference on Construction Grammar – ICCG9. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016a.
- \_\_\_\_\_. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 1, p. 83-101, 2016b.
- \_\_\_\_\_. **A gramática em rede em evidência: discutindo contribuições da abordagem construcional da mudança**. Trabalho apresentado em mesa-redonda durante o X Congresso Internacional da Abralín. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.
- \_\_\_\_\_.; CUNHA LACERDA, P. F. A. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. IN: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. **Funcionalismo linguístico: vertentes e diálogos**. (no prelo)
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A constructionist approach to language**. Trabalho apresentado durante o XXI Seminário Nacional e VIII XXI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Eds.). **What makes grammaticalization – a look from fringes and its components**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-44.
- LABOV, W. The Notion of ‘system’ in Creole Studies. In: HYMES, D. **Pidginization and creolization of languages**, London, Cambridge University Press, 1971. p. 447-472.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. 2002. 211 f. **A gramaticalização da perífrase conjuncional só que**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Ensino da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2003a.
- \_\_\_\_\_. A perífrase conjuncional ‘só que’: invariância e variantes. **Revista Alfa**, v. 47, n.2. Araraquara: UNESP, 2003b. p. 139-152.
- \_\_\_\_\_. As acepções de sentido da perífrase conjuncional ‘só que’. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2003c. p. 15-19.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização de conjunções: o caso da perífrase ‘só que’. **Revista Sínteses**, v. 9, Campinas, UNICAMP, 2004a. p. 231-243.
- \_\_\_\_\_. A gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 33, São Paulo, 2004b. p. 232-237.
- OLIVEIRA, M. R. de.; ARENA, A. B. **Arquitetura construcional e competição pelo uso**. Trabalho apresentado durante o XXI Seminário Nacional e VIII XXI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**. São Paulo, 60 (2), 2016. p. 233-259.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University P